

A FESTA URBANA NUMA METRÓPOLE MEDITERRÂNEA: O CASO DE SEVILHA NA ESPANHA¹

VINCENT MARCILHAC
Université Paris-Sorbonne (Paris 4)
E-mail: vincent.marcilhac@paris-sorbonne.fr

Andaluzia, Sevilha é a capital do flamenco. Espanhola e mediterrânea, ela é uma das principais capitais mundiais da tourada. Ainda que virada para o Atlântico e o Novo Mundo, que fizeram sua riqueza, Sevilha é uma metrópole mediterrânea na qual a vida dos habitantes é ritmada pelo clima, que favorece o crescimento de uma sociabilidade festiva.

Em que medida a festa é constitutiva da identidade das cidades e, mais precisamente, das grandes cidades do mundo mediterrâneo? Isso nos leva a analisar os componentes festivos da identidade sevilhana.

Que papel desempenha a festa na promoção da cidade? É a este preço que a imagem e a identidade de uma metrópole moderna, como Sevilha, podem permanecer mediterrâneas?

DO TAPEO À MOVIDA: UMA CULTURA DA RUA

O bar de *tapas*, uma instituição sevilhana

Foi em Sevilha, no começo do século XX, que a moda de cobrir (do verbo *tapar*) o copo de xerez com um pedaço de presunto foi lançada entre os membros do *Círculo de Labradores*, clube mundano implantado na *calle Sierpes*, principal rua comercial do centro de Sevilha.

O bar de *tapas* está hoje profundamente ancorado na cultura urbana sevilhana. Contam-se vários milhares implantados, sobretudo, nos setores turísticos do centro histórico (bairros de Santa Cruz e do Arenal) próximos ao

¹ Traduzido do francês por Igor Catalão. Revisão da tradução: Paul Claval.

palácio de Alcazar e à catedral, mas também nos bairros mais populares, como Triana e Macarena.

Se o bar é a instituição culinária de Sevilha é por ser o lugar por excelência de um verdadeiro rito: o *tapeo*. Na saída do trabalho, toma-se com os colegas ou amigos a *ruta de los bares* (rota dos bares). Trata-se de um verdadeiro rito social que engloba vários atos: beber e comer, mas também e, principalmente, conversar e festejar.

A *movida* e a festividade noturna

No fim do século XX, tanto em Sevilha como em outras grandes cidades da Espanha, o movimento cultural da *movida*, que acompanhou a democratização da vida política e o desenvolvimento econômico, traduziu-se pelo crescimento da festividade noturna, consistindo em aglomerações improvisadas de várias centenas, ou mesmo milhares, de jovens adultos no fim da semana, bebendo e ouvindo música *tecno* nas traseiras dos carros até tarde da noite. A amplitude desse fenômeno acabou por inquietar os poderes públicos, que tentaram impedi-los ao longo dos anos 2000.

A festividade ligada ao esporte, e especialmente ao futebol, tem uma importância considerável: os dois clubes rivais, o Sevilla FC e o Real Betis, contam vários milhares de torcedores que não perdem a ocasião de festejar as conquistas de suas equipes. As vitórias durante a Copa da Espanha de futebol, conquistadas inúmeras vezes por esses dois clubes há um século, estiveram na origem das festas nas quais o conjunto da sociedade sevilhana celebra a alegria do sucesso de suas equipes.

DA SEMANA SANTA À *FERIA*: A ESTAÇÃO FESTIVA

A Semana Santa: uma religiosidade festiva

Durante a Semana Santa, todo o centro da cidade entra em efervescência. Ele é inteiramente entregue aos pedestres que veem desfilar diante deles os *pasos* das diferentes confrarias (Figura 1).



Figura 1. Uma procissão na Semana Santa (fonte: Marçilhac)

Todo um fervor religioso toma conta da cidade e de seus habitantes que participam das procissões.

Os bares de *tapas* ficam tão repletos de pessoas que as mesas e os bancos, que comumente ficam no interior, são retirados a fim de dar lugar à multidão de clientes. No centro histórico, os bares de *tapas* podem permanecer abertos até a madrugada durante a quinta-feira ou a sexta-feira santa. A Semana Santa é também um período privilegiado para observar o fenômeno da representação no seio da burguesia sevilhana que se mostra nos restaurantes gastronômicos da Velha Sevilha. Duas semanas mais tarde, o centro torna-se anormalmente calmo e deserto: a Feria, situada na periferia da cidade, às margens do bairro de Los Remedios, constitui-se no coração da sociabilidade urbana.

A Feria: uma festa identitária

A ruralidade de Sevilha é reivindicada durante a Feria de Abril. Esta antiga feira de gado se tornou hoje uma verdadeira festa identitária que evoca o campo andaluz no qual as *casetas* são lugares de recepção privados que constituem números de ruas efêmeras de uma cidade na cidade (Figura 2). Durante uma semana, toda a sociedade sevilhana festeja em família, entre amigos ou colegas. Algumas *casetas* têm entrada livre: aquelas dos partidos políticos e sindicatos. Todas as outras são privadas e alugadas durante toda a semana da Feria, com a reserva feita com frequência um ano antes. Ali a sociedade sevilhana está totalmente representada: os comitês de bairros, as confrarias, os clubes esportivos, as associações etc. A alimentação desempenha um papel central: o interior de cada *casetas* é constituído de um balcão onde se pede comida e bebida e de uma sala repleta de mesas para os convidados.



Figura 2. As ruas efêmeras de *casetas* da Feria de Abril (fonte: Marcilhac)

A *manzanilla*, vinho branco da região de Jerez, e os *tapas* presentes em todas as mesas são, tal como a *sevillana* (Figura 3) e as caleches, os símbolos de uma cidade em busca do seu passado e que o reencontra periodicamente durante uma reminiscência que dura uma semana a cavalo no mês de abril e nos primeiros dias de maio.



Figure 3. Manzanilla e sevillana: o vinho e a dança associados a uma festa dionisíaca (fonte: Marçilhac)

Periférica à *feria*, a festa ambulante constitui-se num enorme parque de atrações efêmero em que se concentram as manobras, os jogos de azar e os *stands* de tiro. As *casetas* tradicionais são substituídas por pizzarias ambulantes e *churrerías*, butiques ambulantes onde são vendidos cilindros de massa fritos, os *churros*.

Do outro lado do Guadalquivir, no bairro do Arenal, as corridas de touros são acompanhadas pelos televisores dos bares de *tapas*, diante dos quais uma multidão de amadores se reúne.

AS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS DE 1929 E 1992: EVENTOS FESTIVOS EXCEPCIONAIS PARA ORDENAR A CIDADE

A Exposição Ibero-Americana de 1929

A Exposição Ibero-Americana de 1929 foi um evento internacional de grande amplitude que durou um ano inteiro: ao redor de pavilhões construídos para a exposição, todo um bairro foi erguido, com parques, praças, hotéis de prestígio, como o Alfonso XIII. Desde os anos 1920, uma vida festiva desenvolveu-se ao redor do bairro em edificação, notadamente nas *ventas*, ao longo das largas avenidas construídas nessa ocasião. A *Venta Real*

de Antequera e a *Venta Eritaña* eram então estabelecimentos da moda, em que a alta sociedade sevilhana comia enquanto se divertia. As visitas frequentes da família real a Sevilha, durante os anos 1920, foram ocasiões de numerosos banquetes. A inauguração da exposição em maio de 1929 marcou o começo de um ano festivo para os sevilhanos.

A Exposição Universal de 1992

A Exposição Universal de Sevilha foi, incontestavelmente, o evento-mor da segunda metade do século XX na capital andaluza. Seu sucesso foi inegável, contando mais de quarenta milhões de visitantes entre abril e outubro de 1992 para celebrar o 500º aniversário da viagem de Cristóvão Colombo rumo ao Novo Mundo. Os fogos de artifício e os carrilhões que soavam na inauguração pressagiavam as festividades que acompanhariam o evento, bem como a campanha televisiva “*venez à la fiesta*” [venham à festa] na França. Múltiplos espetáculos pirotécnicos e numerosos banquetes foram organizados na Isla de la Cartuja, na periferia da cidade. O caractere festivo da Exposição Universal concretizou-se pela construção de um auditório com vários milhares de lugares e de um parque de atrações, *La Isla Mágica*, ainda em funcionamento atualmente.

CONCLUSÃO

Tanto quanto pela beleza de seus monumentos e sutileza de seus perfumes, Sevilha revela-se através da sociabilidade urbana mediterrânea. A festa é aqui uma arte de viver, muito ancorada em uma identidade urbana impregnada de religiosidade. As arenas, o estádio de futebol e os bares de *tapas* são lugares festivos em que os sevilhanos gostam de encontrar-se para celebrar a cidade. O *flamenco* (hoje inscrito na lista do patrimônio imaterial da UNESCO) e a *sevillana* são danças identitárias em uma cidade onde a festa está intimamente ligada à arte da sedução. Os eventos festivos que foram as exposições de 1929 e 1992 foram a origem de operações de ordenamento importantes, que marcaram profundamente o urbanismo.

A cidade e a festa? O que importa, nesse domínio, não é o evento singular, mas a recorrência urbana, em todos os níveis da sociedade, de certos temas que lhe conferem um caractere fortemente festivo, como em Sevilha.

Sevilha aparece como o protótipo da metrópole mediterrânea, fundada no modelo da cidade onde a festa reúne o conjunto dos habitantes a despeito das clivagens socioeconômicas.

Recebido em: 29/01/2011

Aceito em: 19/04/2011

BIBLIOGRAPHIE/BIBLIOGRAFIA

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée: l'espace et l'histoire*. Paris : Arts et métiers graphiques, 1977.

CHAUDOIR, Philippe (Dir.). La ville événementielle: temps de l'éphémère et espace festif. *Géo-carrefour*, Lyon, v. 82, n. 3, p. 1-7, 2007.

DE LA VEGA BENAYAS, Sofia. *El centro urbano de Sevilla*. Sevilla: Diputación Provincial de Sevilla, 1989.

DI MÉO, Guy (Dir.). *La Géographie en fêtes*. Gap : Géophrys, 2001.

GONZALEZ-TURMO, Isabel. *Sevilla, banquetes, tapas, cartas y menús*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla, 1996.

LIGNON-DARMAILLAC, Sophie. L'Azahar et l'encens, géographie des odeurs sévillanes. In: DULAU, Robert; PITTE, Jean-Robert (Dir.). *Géographie des odeurs*. Paris : L'Harmattan, 1998. P. 209-220.